

SABEDORIA POPULAR II

MÁXIMAS, REFLEXÕES, OUTROS SABERES E AMENIDADES NO ZAP ZAP





Apresentação

O mundo virtual transformou as atividades humanas em todas as suas áreas, trazendo mudanças que superaram as decorrentes da revolução industrial, no campo empresarial, laboral, social e, principalmente, nas comunicações, permitindo a troca de mensagens, fotos e vídeos. em tempo real. As pessoas passaram a manter mais contato com outras que estão distantes, afastando-se, muitas vezes,

das que estão próximas no mesmo ambiente ou na mesma mesa. Formam grupos que permitem contatos com dezenas, centenas de outras pessoas do mesmo grupo ao mesmo tempo. De repente uma notícia viraliza, como se diz neste tipo de contato.

Esses grupos se intensificam e tudo que neles é lançado toma proporções gigantescas. Isso se faz com qualquer assunto ou tema que ali é posto. Notícias de qualquer

tipo ou natureza, boas ou ruins, sensacionalistas ou não. Fotos de pessoas ou de cenas impactantes, de vítimas expostas de forma desrespeitosa, sem menor compaixão com os familiares, ou pudor, tomados de surpresas e despreparados para receberem aquelas imagens ou mensagens. Observa-se que o propósito, muitas vezes, é lançar nas redes aquele fato, sem se importar em prestar socorro, chamar o médico, o bombeiro ou mesmo a segurança. Divulgar nas redes, ser o protagonista, autor da notícia é o que importa. Servem as redes, também, para propalar o ego das pessoas exibicionistas, expondo-se, informando seus perfis, suas viagens com familiares, namorada(o)s, fotos bonitas e também outras que não merecem ser vistas; enfim, coisas boas e ruins, bonitas e feias são encontradas nas conhecidas redes mundiais de computadores.

Verdade seja dita, há de se ressaltar, também, o seu alcance social, a sua utilidade, o seu lado bom quando se transmite uma informação de utilidade pública, um pedido de socorro, comunica-se uma emergência, por exemplo; mensagem de orientação; de reflexão, uma alerta de um evento nocivo à sociedade, um ato criminoso para as pessoas se precaverem; por fim, são incontáveis



**Divulgar nas redes,
ser o protagonista,
autor da notícia é o
que importa**

os seus benefícios, isto é verdade. Pode-se dizer, sem medo de errar, que como todas as coisas podem ser utilizadas para o bem ou para o mal.

Dentro dessa configuração maniqueísta, do bem ou do mal, destaco uma dessas vertentes que me chamou a atenção, de forma especial, por meio de uma das suas ferramentas, hoje, talvez a mais utilizada no mundo, o WhatsApp. São as mensagens nas quais estão enfocadas reflexões, muitas de sabedoria incontestável, bem assim estórias e anedotas que relatam acontecimentos engraçados, crônicas merecedoras de registros, como forma de preservação por terem um lado positivo, por produzirem não apenas reflexões, mas, ensina-

mentos, bom humor e riso, despertando, também, o lado lúdico da vida e máximas de sabedoria popular e até científicas, produzidas por pesquisadores e pensadores consagrados.

Fruto de observações cuidadosas no dia-a-dia, nos vários grupos de WhatsApp, das redes da internet, resultou a compilação desses textos que mais me sensibilizaram ou chamaram a atenção, que ora levo a público por meio do que resolvi denominar de “Sabedoria Popular II - Máximas, reflexões, outros saberes e amenidades para rir e sorrir no Zap Zap” que exponho à leitura e às críticas dos leitores que, espero, sejam muitos.

Obrigado.



À guisa do prefácio

O desembargador e duplamente acadêmico Edson Ulisses de Melo vem, mais uma vez, brindar o público leitor. Desta feita, com este livro “Sabedoria Popular II - Máximas, reflexões, outros saberes e amenidades para rir e sorrir no Zap Zap”. Edson Ulisses é coletor de frases, ditos, máximas e provérbios, tanto populares, quanto eruditos.

Aliás, ele mesmo o diz, na apresentação bem composta que fez: “Fruto de observações cuidadosas no dia-a-dia, nos vários grupos de WhatsApp, das redes da internet, resultou a compilação desses textos que mais me sensibilizaram ou chamaram a atenção, que ora levo a público por meio do que resolvi denominar de “Máximas e reflexões no WhatsApp” - Sabedoria Popular II” que exponho à leitura e às críticas dos leitores que, espero, sejam muitos”.



Edson Ulisses é coletor de frases, ditos, máximas e provérbios, tanto populares, quanto eruditos

O escritor é membro da Academia Sergipana de Letras Jurídicas. E, recentemente, foi eleito para a Academia Sergipana de Letras. Ele traz consigo a curiosidade matuta,

sertanejo que é, e a curiosidade intelectual, como cultor do Direito e das letras em geral.

Conheci Edson Ulisses, no fim da década de 1970, ele como advogado do Banco do Nordeste do Brasil, e eu como estudante de Direito, na velha Faculdade de Direito da UFS, na Av. Ivo do Prado. Um homem de cultura acadêmica que se foi consolidando com o passar do tempo, mas que jamais deixou de lado as características da cultura popular do sertão sergipano, da antiga Vila de Nossa Senhora da Conceição do Porto da Folha, e, mais de perto, da paradisíaca, como ele mesmo o diz, e nisso tem razão, Ilha do Ouro. Quem nunca saboreou um pirão de pitu na Ilha do Ouro, não teve a sensação de ter “ouro” no paladar. Quem nunca viu, ali, os remansos do rio São Francisco, nos tempos anteriores à usina de Xingó, não pode imaginar o que são as lendas e credices do povo ribeirinho. De tudo isso, Edson Ulisses se encheu.

A coleta que ele fez para este livro bem mostra o quanto ele navega entre a temática popular e a erudição. São máximas e reflexões de autores consagrados ou anônimos. Frases que nos levam a pensar e a repensar a vida. No mundo pós-contemporâneo, como alguns gostam de dizer, em que o tempo nem sempre nos dá tempo para refletir

a contento sobre tudo que nos cerca, este livro de Edson Ulisses surge como um alento. Nele, podemos relembrar ou aprender coisas que nos alentaram ou nos alentam.

Até mesmo a forma gráfica de cada página dá um toque de singularidade ao livro. E é louvável que assim o seja.

Não me foi pedido pelo autor um prefácio. Apenas que eu “desse uma olhada” nos originais. Eu o fiz. Todavia, fui além. Ofereci-lhe algo à guisa de prefácio. Simples. Certamente, não à altura do autor e de sua obra. E disse-lhe: use como prefácio, se lhe convier, ou, então, descarte-o. Pelo simples fato de ter a primazia de ler os originais, sinto-me agraciado. De resto, é torcer pela boa acolhida do livro entre os leitores.

Aracaju, junho de 2017.

José Lima Santana

Padre. Advogado. Professor da Universidade Federal de Sergipe. Membro da Academia Sergipana de Letras, da Academia Sergipana de Letras Jurídicas e do IHGSE.

Impressões acerca da obra “Sabedoria Popular”

Apreciação de Marco de Fila

Caro Dr. Edson,

Li atentamente o seu livro “Sabedoria Popular” e gostei muito. Ele estará sempre na minha estante como uma fonte esporádica de consulta. Li integralmente todos os adágios, estórias, cantigas e textos explicativos. Confesso que fiz uma leitura dinâmica apenas no juridiquês latim (Não é a minha praia! Às vezes eu penso que trabalhei nessa área em alguma encarnação passada e devo ter sido um profissional desastrado, com desempenho moral semelhante ao desses juízes das nossas cortes superiores).

Creio que boa parte dessa sabedoria popular já seja conhecida da minha geração, mas tem muita coisa desconhecida e também muita coisa esquecida. É aí que está o papel do colecionador. Numa compilação como esta você compartilha, lembra e agrega conhecimento, além de criar



Acho que este tipo de trabalho merece continuidade com várias edições posteriores

um “clima” que permite a reflexão filosófica sobre o conteúdo de frases e estórias, que às vezes são faladas apenas mecanicamente. Acho que este tipo de trabalho merece continuidade com várias edições

posteriores, já que o conhecimento é um processo dinâmico e cumulativo.

Parei por várias vezes a leitura para refletir na sabedoria e também nos preconceitos contidos em vários desses adágios e estórias populares. Algumas vezes senti como se eles estivessem sendo pronunciados por várias pessoas muito queridas, em tom professoral ou irônico.

Ao ler “o palhaço”, lembrei-me dos palhaços de pernas de pau que passavam pelas ruas de Simão Dias e lembrei-me também de um trocadilho racista muito popular: “Olê bambu”, a meninada respondia “Fí-de-nêgo é Arubú”. Que perversidade! Na época eu repetia esse refrão sem refletir na humilhação que essa procissão representava para os nossos irmãos negros.

A homenagem a Marcelo, além de muito merecida, ficou também muito bonita. Marcelo é um espírito com evolução bem acima da média do homem do nosso tempo. Eu observo que um amor imenso estava na raiz de todas as conquistas que lhe deram o reconhecimento público como po-

lítico, administrador, orador e tudo mais. Muito mais que a inteligência, o carisma e os talentos pessoais de que dispunha, ele foi uma pessoa movida pelo amor. Gostei muito também da homenagem a Zéca Déda. Não se pode falar de folclore em Sergipe sem lembrar dele. Você fez mais do que lembrar, despertado pelo magnetismo feminino dos “olhos que brilham” e da “voz que sinaliza um tom especial” você o fez uma bela homenagem a Papai Zéca e trouxe parte da sua pesquisa para o texto do livro, estabelecendo um “link” de uma fonte importante para o leitor que deseje explorar o tema. Acredito que, lá de cima, ele considere você como um filho.

Finalmente, destacando especialmente o posfácio, ressalto que todos os textos inseridos na compilação são excelentes e abrilhantaram muito o seu trabalho, com narrativas limpas, objetivas e educativas. Observei também que a diagramação ficou muito bonita com a inserção de figuras, as variações dos tipos de letras e os desenhos.

Parabéns. Siga em Frente.

Marco de Fila

O autor por ele mesmo

Fui criança pobre, filho de pais analfabetos. Meu pai agricultor e minha mãe das lides domésticas. Nascido no município de Porto da Folha, na paradisíaca Ilha do Ouro, às margens do Rio São Francisco, em uma família composta de sete irmãos, sendo seis homens e uma única mulher, eu o mais novo dos homens.

Aos nove anos passamos a morar em Propriá, por inspiração de seu Josino, em busca de dias melhores. Órfão de pai e mãe aos 16 anos. Dona Candinha, minha mãe, mulher muito religiosa, queria que eu, pelo menos eu, fosse padre. Por isso nos ligou a práticas religiosas de ir à missa todos os domingos, confessar e comungar. Verdadeiros papas-hóstias. Era então bispo de Propriá dom José Brandão de Castro, um dos homens mais humanos, éticos e dignos que já conheci; dedicado à religião e ao ofício cristão de divulgar o exemplo de Jesus de humanida-



de, fé, com opção pelos pobres e humildes. Ainda em Propriá, também conheci outros religiosos padres como Nestor e Gregório, todos já falecidos. Neste ambiente aprendi e vivenciei uma experiência humanitária, pois experimentei na pele esse humanismo e acolhimento.

Ainda adolescente tive uma valiosa e importante experiência, ao participar de um clube de jovens conhecido pelo nome de MOJUP – Movimento da Juventude de Propriá, que ainda hoje repercute positivamente em minha vida, na forma de pensar e de agir. Após terminar o curso ginásial no Ginásio Diocesano daquela cidade, e aprovado num concurso público bastante severo, no Banco do Nordeste do Brasil, passei a morar em Aracaju em companhia do João Ulisses, um dos irmãos mais velhos, também funcionário do mesmo banco. Concluí o curso secundário no Colégio Estadual Atheneu Sergipense e logo fiz vestibular para Medicina, movido pelo desejo de dedicar-me à causa de salvar vidas, diante da perda precoce de meus pais, estando eu muito jovem. Meu irmão, João Ulisses, era meu maior incentivador. Constatei, de saída, que a minha falta de base no ensino ginásial interiorano, não superado no curso científico, impediria-me de, em curto espaço de tempo, superar essa carência e conseguir aprovação em um curso de ciências exatas, principalmente, em medicina, uma área bastante concorrida.

Diante dessa realidade, não demorei a interessar-me pelo curso de Direito, pois me sentia mais preparado em português e história, matérias importantes para o vesti-



“ Meu irmão, João Ulisses, era meu maior incentivador

bular de Direito, com pesos 4 e 3 (à época era desse jeito), respectivamente. Ao comunicar ao meu irmão, segundo pai e orientador, ele não concordou e ouvi conselhos desestimuladores, mas não conseguiram me demover da nova escolha. Logo abando-



Advoguei com banca privada de advocacia, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional de Sergipe e seu conselheiro federal por três mandatos

nei o sonho, a paixão por Medicina e elegi o curso de Direito como alternativa, matriculando-me no curso do professor Hunald Alencar, de saudosa memória. Lá tive como professores Jeferson Fonseca, em História, Lígia Pina, em Geografia e Hunald Alencar,

em português. Não deu outra: aprovado em quarto lugar em Direito, concorrendo com Arício Fortes, Carlos Alberto Meneses e Luciano Oliveira (“Cibalena”), todos estudantes profissionais, o que, para mim, aumentou o valor da minha classificação, pois trabalhava o dia todo e estudava no terceiro expediente.

Curso de Direito concluído e casado no mesmo ato da formatura, durante a missa. Ingressei no setor jurídico do Banco do Nordeste como advogado, de onde me aposentei como chefe da assessoria jurídica. Advoguei com banca privada de advocacia, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional de Sergipe e seu conselheiro federal por três mandatos. No Conselho Federal da OAB, fui presidente de comissões importantes como Direitos Humanos, de Combate à Violência, de Estudos Previdenciários e da de Estudos da Legislação Processual.

Em 2007 assumi a Procuradoria Geral do Estado de Sergipe, a convite do então governador Marcelo Déda, de saudosa memória, cuja história honra e dignifica Sergipe, em todos aspectos que se possa imaginar. Permaneci no cargo por oito meses, de onde sai agradecendo o honroso cargo de Procurador-Geral do Estado para concorrer ao cargo de desembargador pelo 5º Consti-

tucional; era o mês de agosto de 2007. Em companhia de inesquecíveis amigos como Aída Campos, Carlos Madureira, Carmem Elias, Ieda Déda, Maria Clarete Ribeiro Silveira enfrentamos a mais longa batalha eleitoral, pois somente após batalhas memoráveis, durante nove meses de disputa, numa situação nunca vista. Tivemos que acionar a diretoria da OAB local, com mandado de segurança julgado pela Justiça Federal, pelo honrado magistrado Pimenta, que apreciou o mérito da causa, mantendo uma liminar concedida pela ínclita juíza federal, Dra. Telma Maria Santos Machado. Convém esclarecer que o “mandamus” impetrado tinha como objetivo desfazer uma emenda introduzida no regimento interno da OAB local, estabelecendo um “quorum mínimo” para escolha pelos advogados da lista sêxtupla. Foi reconhecida a liminar e mantida na primeira instância e confirmada pelo e. TRF - Tribunal Regional Federal - como medida indevida, pois criada após iniciado o processo eleitoral. Superado o óbice indevido, fui o mais votado na eleição da OAB, obtive a unanimidade no e. Tribunal de Justiça e no mesmo dia escolhido para ocupar o cargo de desembargador no Tribunal de Justiça de Sergipe, pelo então governador Marcelo Déda, isso em abril de 2008.



Entendi que tinha um compromisso com as crianças pobres e abandonadas

Isso tudo está sendo contado para registrar minha trajetória até chegar ao lançamento do meu primeiro livro que intitulei “Reflexões Cidadãs”, lançado no mês de novembro de 2009, cuja renda foi integralmente revertida em prol das crianças aban-

donadas dos abrigos assistidos pelo Tribunal de Justiça de Sergipe. Entendi que tinha um compromisso com as crianças pobres e abandonadas, por isso dediquei o primeiro fruto do que conquistei nessa trajetória de luta renhida e vitoriosa, com as bênçãos de Deus e os ensinamentos da minha família.

Agora, após o segundo trabalho, denominado “Sabedoria Popular”, de grande aceitação pelas camadas esclarecidas e cultas da população sergipana e a obra mais vendida na bienal de São Paulo, dentre os livros exibidos por Sergipe, retorno, desta feita, com

este terceiro trabalho, denominado “Sabedoria Popular II - Máximas, reflexões, outros saberes e amenidades para rir e sorrir no Zap Zap”, para dedicar 50% do resultado financeiro ao GACC - Grupo de Apoio à Criança com Câncer de Sergipe (20%) e para a Creche Almir do Picolé (20%), igualmente repartidos, como forma de contribuir com aqueles que padecem dessa enfermidade provocadora de sofrimento imensurável para as pessoas que são por ela acometidas e que somente Deus, em sua infinita sabedoria e poder, consegue confortar.



“O senhor é nosso pastor, por isso nada nos faltará”

Salmo 23.1

CAPÍTULO I

Máximas de sabedoria

- Máximas: nome feminino plural de máxima
- Máximas: superlativo feminino plural de grande
- Máximas: adjetivo feminino plural de máximo

1. pensamento adotado como regra de procedimento; norma de conduta.
2. sentença que exprime uma regra moral.
3. aforismo; apotegma; conceito.
4. princípio aceito numa ciência ou arte; axioma.
5. MÚSICA – figura musical dos antigos sistemas de notação com um valor duracional muito alargado.

6. FILOSOFIA – em Kant, filósofo alemão, 1724-1804, princípio subjetivo da moral sem carácter imperativo.

Termômetro de máxima – termômetro que indica a temperatura mais elevada durante certo período.

(Do latim máxima – [sententia-], “a maior sentença”. (In Dicionário da língua portuguesa, Porto Editora).

“As máximas são a sabedoria em pílulas”

(Antoine de Rivarol)

Valor da vida



Deus no controle



A menina e o violão

Chora. Chora muito.
Mas depois de chorar,
levanta, lava o rosto, arruma
o cabelo. A vida continua,
a dor passa, o tempo não para,
os ferimentos serão cicatrizes.
A gente pode até olhar hora
ou outra pelo retrovisor,
mas a vida segue sempre em
frente. Enfrente!

- A Menina e o Violão
Boa Noite!